

EDNA O'BRIEN



MENINA

«Hipnótico, lírico e palpitante de energia negra.»

THE TIMES



cavalo de ferro

Dedicado às Mães e Filhas
do Nordeste da Nigéria

«Agora temos helicópteros com capacidade de
desfechar quatro mil disparos por minuto.
Um equipamento militar verdadeiramente
devastador. Uma mudança nas regras do jogo.»

Declaração do governo nigeriano
em resposta ao Boko Haram

«Ocultarei com faixas os teus ferimentos.»

Eurípides, *As Troianas*

Em tempos fui uma menina, mas já não sou. Cheiro mal. Sangue seco e incrustado por todo o lado, e o meu vestido esfarrapado. Por dentro, estou desfeita. Corri por esta floresta fora que eu fiquei a conhecer, naquela primeira noite terrível, quando eu e as minhas amigas fomos raptadas na escola.

O pum-pum súbito de disparos no nosso dormitório, e homens, de rostos cobertos, olhos a chispar, dizendo que são do exército e que estão ali para nos proteger, porque há uma insurreiçãõ na cidade. Temos medo, mas acreditamos neles. Raparigas trôpegas saíram das camas e outras vieram da varanda, onde tinham estado a dormir porque estava uma noite quente e abafada.

Assim que ouvimos *Allahu Akbar, Allahu Akbar*, percebemos. Tinham roubado as fardas dos nossos soldados para conseguirem passar pelos guardas. Bombardearam-nos com perguntas – «Onde fica a escola dos rapazes», «Onde guardam o cimento», «Onde são os armazéns». Quando lhes dissemos que não sabíamos, enlouqueceram. Então entraram outros a dizer que não encontravam peças sobressalentes nem gasolina nos barracões, o que provocou uma discussão.

Não podiam voltar de mãos vazias, pois o comandante ficaria furioso. Depois, no meio da balbúrdia, um deles disse, a sorrir,

«As raparigas servem», e então ouvimos uma ordem para que fossem despachados mais camiões. Uma menina pegou no telemóvel para ligar à mãe, mas tiraram-lho logo. Ela começou a chorar, outras começaram a chorar, a implorar que as deixassem ir para casa. Uma caiu de joelhos, a dizer «Senhor, Senhor», o que o enfureceu e ele começou a amaldiçoar-nos e a insultar-nos, dizendo que éramos umas vadias, umas prostitutas, que deveríamos casar e que em breve casaríamos.

Juntaram-nos em grupos de vinte e tivemos de esperar, balbuciando e agarrando-nos umas às outras até ser dada ordem para abandonarmos imediatamente o dormitório, deixando para trás tudo o que possuíamos.

Com uma pistola apontada à cabeça, o motorista do primeiro camião que estava à frente dos portões da escola conduziu como um louco pela pequena cidade. Não havia ninguém na rua que pudesse fazer queixa de um camião a passar àquela hora tardia com as meninas apinhadas lá dentro.

Não tardámos a chegar a uma aldeia na fronteira que dava para uma selva densa. O motorista foi mandado parar e, minutos depois de o terem feito sair, ouvimos uma rajada de tiros.

Chegaram outros motoristas e segue-se uma discussão violenta para decidir que meninas deveriam ser colocadas nos vários camiões. O terror tinha-nos paralisado. A Lua, que perdemos de vista durante algum tempo, voltou a aparecer bem alto no céu, com os seus raios frios a incidir sobre as árvores escuras que pareciam infundáveis, levando-nos ao âmago do nosso destino. Não é como o luar que brilhava no piso do dormitório, de onde trouxemos a roupa, embora deixássemos os manuais, as mochilas

e os pertences, como nos mandaram. Eu escondi o meu diário, pois era a última ligação à minha vida.

Mas não tínhamos perdido a esperança. Sabíamos que, por aquela altura, os grupos de buscas já estariam no terreno, os nossos pais, os nossos anciãos, os nossos professores, todos à nossa procura. Pelas laterais abertas do camião, atiramos coisas para que nos sigam o rasto – um pente, um cinto, um lenço, pedaços de papel com nomes rabiscados – *Encontrem-nos, encontrem-nos*. Falamos em sussurros e tentamos encorajar-nos umas às outras.

Entramos na selva densa, árvores de todas as espécies, emaranhadas, acolhendo-nos no seu amplexo perverso. Aqui a natureza tinha-se descontrolado. O terreno é tão irregular que até os motociclistas, que têm vindo a acompanhar-nos para nos impedirem de fugir, vão perdendo a tracção e são atirados para barrancos altos.

Rebeka diz-me:

– Vamos saltar.

Mas eu hesito.

Ela diz:

– Antes morrer do que ficar nas mãos deles.

Tem estado a rezar desde que deixámos a escola e Deus disse-lhe que estes homens são maus e que temos de fugir. Passaram-se segundos e eu continuo a vê-lo como uma miragem, aquele espaço entre dois camiões, Rebeka a agarrar-se a um ramo pendente, a ganhar balanço e a saltar. Pensei: deve estar algures caída ali no chão, morta, ou talvez não tivesse morrido. Os nervos falharam-me e, além disso, um dos líderes grita:

– Se alguma de vocês saltar, disparamos.

Devem ter partido do princípio de que ela tinha morrido.

Aos solavancos, os camiões avançam e nós somos levadas para cada vez mais longe. Aisha, que tinha adormecido por um instante, acorda a gritar pela mãe. Arrancada a um sonho, começa a chorar. Alguém lhe tapa a boca com a mão, caso contrário seremos todas espancadas. Estamos aterrorizadas. Já não temos mais nada para atirar lá para fora. Tínhamo-nos distanciando demasiado para que seguissem o nosso rasto.

Agora sou só eu e Babby. Ela grita do fundo da sua barriga vazia, berros roucos e selvagens, e eu digo-lhe:

– Não tens nome, nem pai.

Sou dura com ela. Por vezes tenho vontade de a matar. Os meus seios são do tamanho de copos para ovos cozidos e ela puxa-me os mamilos, como se também quisesse matar-me. Procuramos um poço, porque a água nos regos é castanha e enlameada. Sabe mal. Bebemos a água límpida na cavidade das rochas grandes. Faço uma concha com as mãos e ela lambe-a com avidez, engole-a, parece engasgar-se. Estes são os nossos momentos de graça, água fresca, um pequeno alívio para a sede e o desespero. Não tenho a mínima noção de que dia seja, que mês, que ano. Tudo o que sei é que o ar está carregado de areia, areia que o vento traz do Sahel, que nos arranha os olhos e nos deixa semicegas.

Onde não há árvores, a terra é de um amarelo-ocre, fendida por linhas profundas e zigiguezagueantes, uma imagem impressionante, e as folhas novas e encaracoladas começam a brotar nas pontas

dos ramos. À noite, quando fico acordada, vejo o céu. Um céu vasto e violeta, uma terra de beleza que se tornou um lugar de dor. Tantas raparigas mortas. O triste abate das árvores.

Deito-a, com a cabeça em cima de um pouco de erva fazendo de almofada. É a única altura em que dorme. Quanto a mim, tenho um sono intermitente, com medo do que possa acontecer-nos. Às vezes acordo de um sonho com as pálpebras molhadas, um sonho com alguém que devo ter conhecido ou até amado. Mas não é altura para memórias ou pesares. Por vezes ouço cães a ladrar ao longe. Há dias que não vejo um único ser humano e receio que, quando isso acontecer, nos arrastem de volta para um final mais desumano.

Sou incapaz de rezar na minha velha língua, já que nos bombardearam com as suas orações, os seus éditos, a sua ideologia, o seu ódio, a sua devoção.

Era um pátio grande e enlameado, cheio de tralha. Baldes, pás, caixotes, carrinhos de mão, lajes de pavimento, cimento e motocicletas. A areia é de um amarelo-sujo, devido à chuva. Havia um zumbido constante de geradores.

Para lá dos muros altos de terra argilosa, encimados por arame farpado, a vastidão da selva. Era escura e sombria, uma imensidão de árvores que gerava mais árvores, mais escuridão, desterro final. A pequena mesquita tinha um minarete de alumínio brilhante e por perto havia uma bandeira preta hasteada num poste. Akra, uma menina de uma classe superior à minha, veio do dormitório onde tínhamos sido detidas e ficou muito quieta, a observar o triste espaço à nossa volta. Éramos apenas quinze da nossa escola. As outras tinham sido levadas para vários acampamentos na selva. Atiraram-nos para um dormitório de raparigas ainda a dormir e aninhámo-nos umas nas outras.

Uma grande árvore dominava o centro do recinto, com um ramo grosso que se estendia como uma forquilha. Era de um castanho aquoso, com um tom esverdeado, e eu pensei se a árvore da nossa casa teria a mesma tonalidade esverdeada aquosa. Eu ainda não o sabia, mas aquela árvore seria a nossa futura escola. Ficaríamos de pé, sentadas e ajoelhadas à sua sombra cinco

vezes por dia, para rezar. Obrigá-nos-iam a aprender e a memorizar suras numa língua que nos era desconhecida e a venerar um Deus que não era o nosso. Seríamos fotografadas de tempos a tempos, para as nossas fotografias serem enviadas: nós, com roupa pardacenta e expressões entorpecidas, agrupadas para que pais aflitos nos vissem e procurassem as suas filhas entre tantos rostos que agora pareciam idênticos e lastimáveis.

Das várias cabanas circulares saíam homens apressadamente em direcção à mesquita. Estavam vestidos de várias maneiras, uns com calças de ganga e *t-shirts*, outros com roupa muito larga e outros ainda com coletes militares. Enquanto passavam por nós a correr, alguns observavam-nos, avaliando a nossa suculência.

Enquanto o rumor da oração se propagava até ao local onde nos encontrávamos, uma jovem chegou ao pátio a cambalear e parou à nossa frente. Tremia incontrolavelmente. Tinha um trapo grosso encostado ao lábio inferior, que estava ensopado em sangue. Não conseguia falar, embora tentasse. Não parava de apontar para a boca e, por fim, conseguiu abri-la. Perdera a língua. Que crime teria cometido.

Enquanto ali estávamos, uma mulher de galochas verdes avançou na nossa direcção, com um pau com espinhos. Os espinhos eram vermelhos como bagas maduras e afiados como pregos. Mandaram-nos voltar para o dormitório. Começou, então, a nossa iniciação.

Cada uma de nós recebeu um uniforme, idêntico ao que usavam as raparigas que ali estavam havia mais tempo. Disseram-nos que os vestíssemos. Eram de um azul tristonho, com *hijabs*

ainda mais escuros e, embora eu não pudesse ver-me, pois não havia espelhos, vi as minhas amigas, transformadas, subitamente velhas, como freiras enlutadas. Vi Teresa, Fatim, Regina, Aida e Kiki, todas em silêncio e a conter as lágrimas. Disseram-nos que juntássemos a nossa roupa antiga e que não deixássemos ali o que quer que fosse. No meio da confusão, consegui esconder o meu caderninho. Era um bloco minúsculo, mais apropriado para contas do que para letras, mas eu comprimia as palavras em cada quadradinho. Acumulava-as. Tinham passado a ser as minhas únicas amigas. Recebera aquele caderno, juntamente com uma folha de papel perfumado, pela minha composição sobre a natureza. A folha tinha escrito «Floresta de Windsor» nas margens. Eu não sabia onde ficava Windsor.

A nossa roupa foi amontoada até formar uma pilha e, pouco depois de ela ter ateado o fósforo e despejado um pouco de gásóleo sobre esta, as chamas dispararam em direcção à alvorada leitosa. As nossas blusas brancas, os nossos uniformes e lenços depressa se dissolveram em flocos leves de cinza-pardo que pairavam por um momento e depois eram levados a encontrar o seu caminho por entre os espaços do arame farpado. Segui-os mentalmente e, tola, julguei que os flocos incinerados seriam nossos mensageiros. Alcançariam a nossa escola, onde ainda ardiam as colunas de fumo do fogo que as milícias tinham ateado imediatamente antes de os camiões partirem. Imaginei muitas tolices. Não tinha dormido. O fedor dos sapatos perdurava, porque demoravam mais a arder. O cheiro fazia lembrar as peles de animais diferentes nos matadouros junto aos mercados, penduradas a curtir – porcos, novilhos, cabras e ovelhas.

Depois fizeram-nos marchar, até nos sentarmos à sombra da grande árvore. Pingava água das folhas e o chão estava molhado. As que tinham chegado ali havia mais tempo aguardavam, algumas de mãos entrelaçadas e expressão arrebatada.

Três homens saem de um jipe creme. Dois têm o rosto tapado e caminham atrás do terceiro, que é o emir e traz um texto sagrado. Os três estão armados. Quando o emir se aproxima de nós, estende uma mão e é como se tivesse agarrado o mundo inteiro.

As que já o viram levantam a cabeça com um ar de admiração e deslumbramento renovado. Algumas esticam as mãos, apenas para imaginar que tocam no tecido do casaco dele. Veneram-no. Ele anda entre nós, reconhece os novos rostos, com uns olhos muito alerta, como se nos visse a mente e o coração dilacerado.

– A doença é a ignorância – diria ele três vezes.

Eu não olhei para ele, por ser tão intimidante. Depois de-nos as boas-vindas como filhas emergentes de Alá e disse que devíamos agradecer a Alá o milagre de nos ter salvado. Era possível, disse ele, que nos sentíssemos deslocadas, mas em breve as vendas que nos tapavam os olhos cairiam.

Depois criticou fortemente aqueles a quem tínhamos sido retiradas. Infiéis. Ladrões. O nosso presidente, os nossos vice-presidentes, os nossos governadores, a nossa polícia, todos eram corruptos. Eram sultões dos bancos, ostentando a sua opulência, sentados nas suas grandes mansões, nos seus tronos de ouro, assistindo a filmes ocidentais nos seus grandes ecrãs de televisão. As suas mulheres gordas tinham acumulado tanto dinheiro, tanto ouro, tantas pérolas, que eles se haviam visto

forçados a construir mais residências para conter esse saque. Até os muçulmanos que se encontravam entre aquela gente estavam contaminados, tinham sido arrastados para aquele miasma de corrupção. Em breve perceberíamos que a educação que tínhamos recebido estava completamente errada, tal como a educação universitária, a que aspirávamos, estava completamente errada. Não podia ser.

Pedi-nos então que reflectissemos sobre as quarenta e oito horas anteriores e nos maravilhássemos com a transformação que se forjara. Era como se espreitasse o interior da nossa mente e nos desafiasse a contrariá-lo.

– Quando a nossa coluna entrou na vossa escola há duas noites, as vossas milícias tinham batido em retirada porque sabiam que íamos a caminho. Podem confiar nessas pessoas? Podem confiar em pessoas pagas para vos proteger? Se forem realmente honestas, a vossa resposta será «não». Poderiam ter montado um contra-ataque, mas não o fizeram. Têm demasiado medo de nós. Sabem que nunca entrarão em Sambisa. Nunca vos encontrarão. Sabem que era intenção de Alá que vos trouxéssemos para aqui. Enquanto juntavam os vossos livros e as vossas mochilas para apanharem o transporte para a escola para fazerem o exame, Alá estava a observar, tudo estava predestinado. Onde estavam os vossos padres, onde estavam os vossos guardiões, onde estavam os vossos professores? Foi sempre assim. Quando o Profeta Maomé foi escorraçado de Medina, os seus antigos seguidores desviaram o olhar. Cobardes. Infiéis. Os vossos pais talvez julguem que vos amaram e trataram com bondade, mas são cegos, têm vendas nos olhos. A doença é a ignorância. Não há divindade

além de Alá. Peçam perdão pelos pecados dos vossos pais e Alá saberá se são sinceras no vosso propósito ou não. Lembrem-se de que renasceram noutra vida. Mesmo que julguem que amam a vossa família e tenham feito uma promessa no vosso coração, têm de renunciar a ela, têm de a eliminar agora. Durante algum tempo derramarão lágrimas infantis, mas as lágrimas pararão e vocês voarão como pássaros para os campos do paraíso. Os anjos esperam-vos, o Anjo Gabriel, o Anjo Azrael, o Anjo Miguel. Oh, sim, a nossa tecnologia e comunicação terrenas ajudaram-nos, mas Alá informou-nos de tudo, até da tagarelice no vosso dormitório. Estou a falar directamente com cada uma de vocês. Voltem-se para o Corão, para os Hadices do Profeta, onde quer que estejam, voltem-se para Alá. Caso contrário, teremos de vos compelir e não vos pouparemos às punições. Entretanto, façam as vossas tarefas diárias com alegria, memorizem as suras e mantenham-se agradavelmente fragrantes, sabendo que estão a ser recrutadas para o vasto e invencível exército de Alá. Vocês são guerreiras. Esta terra que se chama Nigéria tem de se ver livre de infiéis e ímpios. Vocês desempenharão o vosso papel nesta luta. Orgulhar-se-ão disso. Mesmo que morram no campo de batalha, lembrem-se de que a morte de um crente é a melhor coisa. Desenrolar-vos-ão a passadeira vermelha no Paraíso. E agora chego à parte mais crucial. Não virem costas. Não tenham medo. Temos de levar a luta aos quartéis dos porcos e dos ratos e dos ímpios, que são também a vossa gente, a vossa própria tribo, os vossos próprios pais. Devorem o coração dos infiéis. Eliminem-nos. Degolem-nos. Digam-lhes que se vos que-rem de volta, então que tragam de volta os nossos irmãos mortos.

Depois, imediatamente antes de ser levado, olhou para o céu e para uma frota de inimigos à espera.

– Não julguem que podem fazer-nos frente com os vossos caças. O Alá que veneramos vive acima dos vossos caças, preparado para o instante em que vai esmagar-vos.

Na minha mente ficou tudo negro. Nunca tinha imaginado tamanho poder, tamanha imunidade. Baldes e caixotes deslizaram por aquele pátio e os céus abriram-se. Vi dois Deuses com varas, ou talvez armas, defrontando-se.

A terra em que eu me ajoelhava estava pejada de corações meio comidos e havia gargantas degoladas por todo o lado, com o sangue a gorgolejar numa corrente interminável. Corri entre os restos amontoados, até encontrar os meus pais e o meu irmão. Beije-os e eles perdoaram-me, apesar de terem morrido. Estava demasiado triste para chorar.

Algumas das minhas amigas aproximaram-se de mim para me perguntar o que se passava. Não fui capaz de responder. O pouco controlo que tinha da razão fora-se. Teríamos cortado as nossas próprias gargantas se tivéssemos facas.

– Não te preocupes... Os nossos pais vão encontrar-nos – disse-me Aisha, mas ela ainda não fora ao campo dos mortos.

Três raparigas foram postas de lado e ficaram de pé, confusas, enquanto outras mulheres nos faziam atravessar o pátio rumo às cabanas para o nosso castigo seguinte.

Era como colocar gado num curral. Traziam-nos para o exterior e deixavam-nos à sombra da grande árvore, a tremer, em silêncio. Tínhamos sido separadas quando chegámos. Eu estava numa cabana com a mulher de um líder, uma víbora, que me acordava várias vezes de noite e me obrigava a repetir preces e versículos que me ensinara durante o dia.

Quando saí e vi as minhas amigas, estonteadas como eu, com os rostos distorcidos e inchados de chorar, pensei, estou com as minhas amigas, não será assim tão mau.

Muito pouco tempo depois começaram a juntar-se homens. Eram jovens e insolentes. Usavam calças de ganga e *t-shirts* coloridas. Era evidente que algo estava prestes a acontecer, algo que nos implicava, pelo que nos mantivemos juntas. Então dois homens levaram uma mesa para o meio do recinto, enquanto um terceiro pôs um balde de plástico por baixo. Só se tinham passado alguns segundos, mas nós adivinhámos. A primeira, Faith, foi levada e, quando ela se deitou, dois homens afastaram-lhe as pernas. Os outros bradavam e encorajavam-nos. Quando ela começou a gritar, taparam-lhe a boca com uma mão e o primeiro dos jovens possuiu-a. Os outros seguiram-se. Aconteceu o mesmo com a segunda. Eu fui a terceira. Deitada naquela

mesa, olhei para cima e vi algumas estrelas muito afastadas umas das outras, a vacilar nos céus. Ainda não tinha anoitecido por completo. Era como ser esfaqueada uma e outra vez e depois um grito feroz quando ele me violentou. Despedi-me dos meus pais e de toda a gente que conhecia.

Estava tonta quando me levantei. Coágulos de sangue caíam no balde.

Obrigaram-nos a ver enquanto traziam outras. A mesa chiava à medida que os homens iam ficando ainda mais encarniçados e jubilosos.

Quando acabou, afastámo-nos a cambalear, doridas, perplexas. Não conseguíamos falar. Éramos demasiado novas para saber o que tinha acontecido, ou o que lhe chamar. Fatim lembrou-se de que, na sua primeira escola, havia uma boneca que as meninas utilizavam para fazer experiências; uma delas encostara uma tesoura ao pano entre as pernas da boneca e dissera que a Dolly tinha de ser operada. Nós tínhamos sido operadas. Eles foram a nossa primeira vez. Já anoitecera e as estrelas festejavam nos céus.

A mulher levou-me para a cozinha. Era ali que eu iria trabalhar. Cheirava a carnificina. Havia ilhargas de caça penduradas nas árvores lá fora, e enxames de moscas pairavam à sua volta e alimentavam-se destas. Eu tinha de cozinhar para toda a unidade. Os comandantes receberiam as porções maiores, os tenentes as porções seguintes e os recrutas teriam de se contentar com uma espécie de guisado, pequenos pedaços de carne com milho-miúdo ou sorgo. Quando não havia carne suficiente, traziam-me tiras de pele para assar. O som, naquele pátio, da gordura a fritar e os sucos a escorrer deixavam-nos loucos de impaciência. Os três cães que estavam presos durante o dia uivavam e atiravam-se contra a porta galvanizada.

De manhã comiam papas, servidas numa gamela, numa grande mesa. Ao final do dia, a elite era servida nos seus vários aposentos, e os escalões mais baixos comiam à mesma mesa grande. Eu nunca deveria servi-los. As esposas levam pratos da cozinha até às cabanas. Se, por acaso, algum dos homens fosse à cozinha, eu deveria desviar o olhar.

John-John era o único rapaz com quem eu podia encontrar-me, provavelmente por ser tão novo. Teria dez ou onze anos. Andava de bicicleta, usava calções e um casaco demasiado

grande com botões de latão. Enrolava as mangas quando começava a trabalhar, e cantava. Cantava com voz de menina. Havia carne de todos os géneros, de aves, morcegos e lagartos, os olhos dos pássaros a fitarem-nos, vidrados, e os morcegos selvagens com as suas grandes asas ainda abertas, como se, mesmo depois de mortos, ainda recordassem os voos nocturnos.

Trinchávamos as carcaças e, com outras facas, raspávamos os insectos mortos e os vermes colados à pele. Enchíamos os pássaros com folhas, para abafar os maus cheiros. Ele sabia os seus nomes – curcuma, zimbros, baobá.

Nunca percebi a letra da canção de John-John, mas calculei que fosse um hino. Ele ia de bicicleta pelos vários acampamentos, entregando as provisões, e vivia numa espécie de caverna com outros quatro rapazes. Depois ajudava-me a levar as grandes panelas até às fogueiras que tínhamos feito no pátio. Estas pendiam de correntes presas a varas de madeira e o cheiro pútrido de carne e caça a cozer propagava-se pelas imediações daquele local. Acabei por ficar com a chave da despensa e, sem que as esposas soubessem, podia surripiar umas quantas coisas para comer com John-John. Ele adorava cascas de batata, mais do que qualquer outra coisa, sobretudo com cebolas assadas. Comíamos lá fora, onde as sentinelas raramente patrulhavam, porque tinham medo das ratazanas.

Ó meu Deus

Ó meu Deus

Ó meu Deus

Mereces os nossos louvores

Por fim, fiquei a saber como ele foi capturado:

Vêm aí. Vêm aí. Cercaram a nossa aldeia e tínhamos muito medo. Eu, a minha irmã e a minha mãe. Há muitas outras senhoras e meninas, todas a chorar, como nós, e fugimos para salvar as nossas vidas. Os jiadistas cercaram a nossa aldeia e por isso tivemos de fugir. O meu pai não estava connosco. Estava na quinta, e nós não sabíamos se o teriam capturado. Fugimos. As outras senhoras que fugiam connosco não queriam que eu as acompanhasse porque eu era um rapaz e elas sabiam que o que os jiadistas queriam era rapazes, para os transformarem em soldados. Mesmo enquanto fugimos, morremos de medo de que nos persigam até às profundezas da floresta. Depois de corrermos durante muito tempo e de já não termos fôlego, caímos uns em cima dos outros. Está toda a gente a chorar. A minha mãe implora a uma senhora que lhe dê um vestido da sua trouxa, para poder fazer-me passar por uma menina. A senhora recusa. É o melhor vestido que tem. A mamã implorou e suplicou e finalmente outras mulheres intervêm, dizem que é uma questão de salvar uma vida, a vida de uma criança. Há discussões. Então uma mulher puxa o vestido da trouxa, e ela e a senhora têm uma grande, grande discussão, até que o vestido é confiscado.

A minha mãe leva-me para trás de uma árvore, despe-me os calções e põe-me um lenço azul na cabeça. Todas olham para mim vestido de menina e, apesar de estarem tristes, as crianças não conseguem deixar de rir e de gozar comigo. Não tarda a cair a noite, deitamo-nos onde podemos e eu durmo de vestido azul. A noite está fria. Acordamos muito cedo e a minha irmã desapareceu. Não está em lado nenhum. A minha mãe anda pelos grupos a perguntar

por ela e, quando percebe que ninguém a viu, desata a correr e a chamar por ela. Mas a líder do nosso grupo diz que é melhor irmos andando, porque por aquela altura as milícias já saberão onde estamos e virão atrás de nós para nos matar. Durante todo esse tempo, a minha mãe grita pela minha irmã, «Umi, Umi, Umi», como se a minha irmã pudesse aparecer do nada. Assim, contra a sua vontade, todos seguimos caminho, e eu sinto a dor da minha mãe em mim, porque me leva às costas. Mal consigo segurar-me.

Chegamos a uma aldeia e há uma casa com um telhado de colmo onde toda a gente se apinhou para se proteger do sol. A minha mãe pouso-me no chão e pede a outra senhora que tome conta de mim porque tem de ir à procura da sua menina, mesmo que seja o seu cadáver que ela venha a encontrar. Vejo-a a voltar rapidamente para a montanha. Assim, ficamos ali à espera e algumas pessoas dão-nos inhamo da quinta delas, que comemos cru. Está toda a gente muito quieta e com medo e ninguém fala, pois não sabemos o que fazer a seguir. Sussurram-se vários rumores. Depois de uma noite, outro dia e quase outra noite, a minha mãe volta com a minha irmã às costas e, quando a pouso no chão, a minha irmã diz «Maaa-ma», porque continua com medo devido ao tempo que passou sozinha na montanha. A minha mãe está tão cansada da busca e da caminhada que adormece enquanto fala.

– Porque fugiste?

Estou zangado com a minha irmã, porque me levou a minha mãe. Ela diz que não sabe porquê. Iam outras pessoas a subir uma colina e ela seguiu-as, julgando que nós as seguiríamos.

Depois o grupo dispersou-se. Alguns andavam mais depressa do que outros e ela precisou de descansar um bocadinho para depois os alcançar mais adiante na montanha, para chegar à fronteira antes de o Sol nascer. A minha mãe encontrou-a sozinha e a dormir, com a roupa molhada pelo orvalho.

Ficámos na casa de colmo, onde não paravam de chegar mais pessoas perdidas. Era sufocante. Então a minha mãe foi à procura de alguém que tivesse uma motocicleta. Antes de partir, desfez o nó na ponta da sua bolsa, onde guardava o pouco dinheiro que tinha poupado. Esse dinheiro tinha sido ganho a vender feijões que plantávamos e que vendíamos no mercado. Só levou o suficiente para pagar a motocicleta, porque sabia que o homem queria ficar com a totalidade. Prendeu os nairas à parte de dentro do meu colete.

Viajámos os três nessa motocicleta, eu, a minha irmã e a minha mãe, e passámos por baixo da montanha onde a minha irmã quase tinha morrido. A moto andava aos ziguezagues e a minha irmã gritava e a minha mãe agarrava-nos com todas as suas forças. Quando descemos por uma ladeira e chegámos a uma planície, encontrámos homens a carregar comida e água em camiões. A minha mãe ajoelhou-se à frente deles e implorou-lhes que dessem alguma coisa para as crianças comerem. Eles ouviam as nossas barrigas a roncar. A esperança dela era fazer-nos chegar à nossa própria aldeia, onde estariam algumas pessoas e talvez o nosso pai já tivesse chegado a casa. Os homens que carregavam o camião deram-nos uma garrafa de sumo de laranja. Bebemo-lo à vez, muito pouco, para não sermos sôfregos. O homem disse que as milícias tinham seguido caminho, pelo que a minha mãe

decidiu ir primeiro à nossa quinta, para ver se ainda restaria alguma coisa da colheita. Pelo caminho, deixou a minha irmã com a minha avó, que estava escondida há semanas com umas primas. As primas não queriam a minha irmã. Mas quando ouviram a triste história de ela quase ter morrido na montanha, apiedaram-se e deixaram-na ficar. Eu e a minha mãe fomos até um sítio não muito longe da nossa quinta e ela pagou ao motociclista e nós subimos o caminho íngreme até ao cimo da colina. As nossas colheitas não tinham sido roubadas, embora outras à volta tivessem sido pilhadas. Por isso, apanhámos todo o feijão e guardámo-lo nos sacos que havíamos levado. Já tínhamos algo para vender. Pusemo-nos a caminho da aldeia. Durante o trajecto, um homem mandou-nos parar. Inicialmente pensámos que fosse da Seita, mas depois ele disse uma prece que nós conhecíamos e sentimo-nos seguros. Era um homem alto com um olhar muito atento.

– Esse feijão é para vender? – quis saber.

– Uma parte é – respondeu a minha mãe.

– Por quanto?

– Cinco mil nairas.

E eu intervim e disse:

– Seis mil.

E então ali, na cumeeira de um terreno escarpado, regateámos e regateámos, de tal maneira que o preço disparou e no final tinha passado de cinco mil para sete mil.

Depois de termos descansado uns dias com a minha avó e as primas e de termos partilhado parte do feijão, a minha mãe concluiu que tínhamos de ir procurar o nosso pai. Tínhamos de

voltar a ser uma família. Com aquele pouco dinheiro, ela estava cheia de esperança, acreditava que daria para começarmos a construir uma casa. Por isso, fizemo-nos ao caminho, a mãe levava a minha irmã às costas, agarrada a ela e a dizer «Maaama-ma», não fosse perder-se outra vez. Numa aldeia falámos com um polícia, que nos disse que o meu pai não tinha morrido. Ele tinha ouvido dizer que o meu pai voltara para a sua própria casa e estava a viver numa extremidade que não tinha ardido por completo.

O meu pai nem acreditou quando entrámos na nossa cozinha semiardida. Estava em mangas de camisa. Abraça-nos a todos, sem ter a certeza de estarmos vivos ou mortos. Pergunta a Deus se está a sonhar.

Depois a minha mãe e ele sentam-se no chão e contam o dinheiro todo. Decidem que, dali a uns dias, voltarão à quinta, para apanhar o resto da colheita. A minha irmã ficou na igreja, onde o padre tinha acolhido pessoas, todas apinhadas numa divisão e a dormir no chão. Os meus pais foram para a quinta e eu fico sozinho. A ideia era eu ir ter com uma vizinha a uma aldeia próxima. Mas eu disse a mim mesmo, se os meus pais decidiram passar a noite toda acordados na quinta para guardar as colheitas, eu não vou para casa de uma vizinha, vou defender a nossa casa. Depois, à noite, aquilo acontece. Não vêm de moto. Só um rapaz, lá fora a olhar para mim pela janela, e eu soube. Tinha-se juntado a eles. Puxou-me pelos cabelos e obrigou-me a sair e a subir a estrada até onde já estavam outros rapazes num camião. Avançamos cada vez mais para o interior da floresta, rumo a uma montanha, e um rapaz diz-me:

– Estás a ver aquela montanha, fica perto de Pulka.

Numa terrível noite, Maryam é raptada na escola e feita escrava por uma seita jihadista, tornando-se testemunha e vítima de actos brutais cometidos em nome de uma ideologia. Roubada da sua inocência e dignidade, ela, apenas uma menina, resiste valorosamente, até que, de forma inesperada, as portas para a liberdade se abrem. Contudo, novas provações e horrores se escondem: nos caminhos da floresta selvagem, que devolve Maryam, já com uma filha nos braços, e numa sociedade marcada pela guerra e pelo preconceito.

Escrito com base num artigo de jornal sobre as meninas raptadas pelo Boko Haram na Nigéria, *Menina* é um romance perturbador, que confronta o leitor com a natureza humana do mal. Uma obra-prima no dizer da crítica, na qual Edna O'Brien desafia as convenções da ficção, continuando a explorar os seus temas de eleição: a violência de género e a misoginia perpetradas em nome das convenções sociais e da religião.

«*Menina* é um livro corajoso sobre um espírito corajoso.»

J. M. Coetzee

«Uma narrativa emocionante, atroz e,
ao mesmo tempo, magnífica.»

Le Monde

«Uma obra-prima, uma história violenta de perda e redenção
poderosamente contada pela voz singular de O'Brien.»

The Irish Times

